Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v38i145.946
ESTUDOS BÍBLICOS

Culto e Religião na perspectiva de Jó e Qohélet

Worship and religion in the perspective of Job and Qohélet

Vinícius Pimentel Baquer*

* Especialista em Sagrada Escritura pelo Centro Universitário Claretiano. Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
vbaquer@hotmail.com

Recebido em: 11/03/2022
Aprovado em: 21/03/2023

Licença *Creative Commons* CC BY-NC 4.0

Resumo

O presente artigo visa apresentar a perspectiva dos livros de Jó e Qohélet a respeito do culto e religião. Considerando a posição crítica de Jó e Qohélet à denominada "teologia da retribuição", buscar-se-á compreender a maneira como, para ambos os livros, o homem pode relacionar-se com Deus de maneira totalmente desinteressada. Para tal, proceder-se-á com uma exposição breve sobre a sapiência tradicional e sua crise, em seguida, tomados em singular, a perspectiva de cada um dos livros em questão mediante análise de textos; por fim, propor-se-á uma conclusão que saliente a possibilidade do culto desinteressado e de uma religião menos ritualista dentro da perspectiva da crítica de Jó e Qohélet.

Palavras-chave: Culto. Religião. Sapiência. Teologia da retribuição.

Abstract

This article aims to present the perspective of the books of Job and Qohelet regarding worship and religion. Considering the critical position of Job and Qohélet to the so-called "retribution theology", we will seek to understand how, for both books, man can relate to God in a totally disinterested way. To this end, we will proceed with a brief exposition on traditional wisdom and its crisis, then, taken individually, the perspective of each of the books in question through text analysis; finally, a conclusion will be proposed that emphasizes the possibility of disinterested worship and a less ritualistic religion within the perspective of Job and Qohélet's critique.

Keywords: Worship. Religion. Wisdom. Retribution theology.

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

1 Introdução

A literatura sapiencial bíblica desenvolveu-se contemporaneamente à dos povos circunvizinhos de Israel e objetivava-se, sobretudo, às reflexões sobre os temas da vida quotidiana. Grandes assuntos comuns à revelação bíblica, tais como Aliança, Eleição, Salvação, Lei, são tratados de maneira somente colateral e em casos específicos. Escritos tardios como Eclesiástico e Sabedoria detêm-se mais pormenorizadamente nos assuntos comuns à teologia tradicional de Israel. Os referidos escritos irão postular a

sabedoria como obra religiosa, pois advém do temor. Diferente é a postura dos escritos mais distantes na cronologia histórica. A preocupação com a sabedoria não está, diretamente, ligada às expressões da teologia tradicional, sobretudo a profética.

O desenvolvimento literário da sapiência de Israel se encontra, sobremaneira, no período do exílio e do pós-exílio. A ruptura com as estruturas tradicionais da religião de Israel levou o povo à uma profunda crise que gerou uma nova forma de entender-se e pensar a própria expressão religiosa. Já não há mais rei, nem sacerdote (templo), nem profeta. Há um deslocamento de perspectiva onde, doravante, a importância do rei e tudo aquilo que ele representa dá lugar ao universalismo próprio da sapiência. O sacerdote, personificação do culto e do templo dá lugar ao ambiente do lar e das relações familiares, muito presentes nos escritos sapienciais. O profeta, por sua vez, dá espaço ao sábio, como nova expressão da revelação de Deus, não mais de maneira vertical (no formato de oráculos), mas horizontal, apreendida da experiência da vida como lugar de manifestação da vontade de Deus.

A literatura sapiencial bíblica encontra-se num front duplo de confronto, ao mesmo tempo externo e interno. O perigo externo é manifestado na crescente helenização da comunidade israelita reconstituída pós-exílio no período da dominação grega. A literatura sapiencial de Israel irá, neste âmbito, redescobrir sua história como manifestação da sabedoria para antepor-se aos assédios dos gregos. O perigo interno diz respeito à "teologia da retribuição". Esta, por sua vez, parte da ideia de que Deus retribui a cada um o que cada um merece, estabelecendo uma relação de causa-efeito. O texto de Dt 30,15-20 resume a ideia central da referida teologia onde, grosso modo, Deus, sendo justo, dá a cada um o que merece. Essa teologia foi perdendo seu "espírito", de maneira que, a julgar pelos efeitos, determinava-se a causa. Assim sendo, se alguém é pobre, doente ou de condição inferior, certamente é um amaldiçoado, pois Deus retribui a cada um o que merece. Este esquema tornou-se confortável para os injustos, abafando o grito dos pobres e tornando-os responsáveis pela própria ruína.

Os livros de Jó e Qohélet surgem no horizonte da sapiência de Israel como obras de contestação à teologia da retribuição. Eles são os livros da "crise da sapiência". Esta crise configura-se pela incapacidade humana de reduzir à fórmula matemática da teologia da retribuição todos os acontecimentos da vida humana. Como explicar, nos moldes da teologia da retribuição, que um justo pode sofrer e de que um injusto possa prosperar?

Jó e Qohélet rompem com o estabelecido pela teologia da retribuição e questionam até às raízes os fundamentos de toda pretensão religiosa. É verdade que o objeto de ambos os livros não se resume a tratar de culto e religião no confronto com a teologia da retribuição. Entretanto, o contexto das referidas obras proporciona uma nova perspectiva sobre a função do culto prestado e da religião institucional que transcenda os esquemas da retribuição. A pergunta de fundo que norteia o presente trabalho, à luz de Jó e Qohélet, é sobre a possibilidade de prestar um culto verdadeiro a Deus de maneira desinteressada.

2 Culto e religião no livro de Jó

A presente obra, em seu conjunto, advoga a favor da possibilidade de um culto desinteressado pois, "se recebemos de Deus os bens, não deveríamos receber também os males?" (Jó 2,10). Jó faz uma profunda revisão do conceito de religião tornando-se a personificação de todos os pobres que buscam a Deus. Afinal, até que ponto sua religião seria gratuita? (STORNIOLO, 1992, p.13) O dogma da Teologia da Retribuição é implacável: "para os que estão bem, tudo bem. Ele é até interessante e tranquilizador. Para os que estão na desgraça, não fica nenhuma escapatória. Como Deus é justíssimo, o mal sempre é culpa e desgraça do próprio homem mau" (GOMES, 2016, p.223). A Teologia da Retribuição fundamenta um culto e uma religião em um Deus terrível. O interesse pelo próximo desaparece do horizonte, uma vez que os pobres são culpados por sua pobreza. "Essa é a defesa de um dogma que perverte a verdadeira religião que tem como opção preferencial os pobres. Jó vem destruir a falsa religião e colocar diante de nossos olhos o desafio da verdadeira religião" (GOMES, 2016, p. 223).

Jó, reivindicando sua inocência, chama Deus para uma disputa. Ao conclamá-lo para esta disputa, presentificam-se as imagens da religião da retribuição: um Deus totalmente inacessível, incapaz de se compadecer do "pecador" e que tem prazer em punir. "Eliafaz apela à sabedoria de uma visão acusando Jó de destruir a religião pois, ao invés de rezar, Jó queria disputar com Deus, Baldad à sabedoria dos antepassados. Sofar, porém, apela diretamente à sabedoria de Deus que 'conhece as pessoas falsas e sem esforço discerne o crime' (Jó 11,11)" (GOMES, 2016, p. 224). Os defensores da teologia da retribuição, encarnados nos três amigos de Jó, em momento algum se questionam se o justo poderia sofrer uma injustiça, isto é, sofrer sendo inocente. Jó é inocente e tem consciência de sua inocência. Diferentemente dos defensores da teologia vigente que leem a realidade a partir de uma ótica simplista, Jó parte da realidade e a compreende em sua complexidade. Partindo da realidade do sofrimento do justo, Jó entende ser necessário mudar a perspectiva para entender Deus. "Fazer a experiência verdadeira de Deus leva a aceitar e entender a realidade, o sofrimento, a vida" (GOMES, 2016, p. 225).

A religião da retribuição gera um descompromisso com a vida do outro e a luta por justiça, pois, se o pobre é um castigado, colocar-se ao lado do pobre significa colocar-se contra Deus.

> Abdica-se da justiça para ser bom aos olhos da religião, pois fazer justiça ao pobre é ajudar um culpado, um pecador. Usar de bondade para com um indigente, como no caso de Jó, seria voltar-se contra Deus que o puniu por alguma falta grave. Logo, dentro dessa ideologia do dogma da retribuição, há contradição entre bondade e misericórdia, de um lado, e justiça de outro. Ou melhor, a justiça é vista dentro dos parâmetros do dogma da retribuição, servindo de mecanismo de manipulação em favor da opressão que a classe dominante exerce sobre a oprimida (GOMES, 2016, p. 229).

A figura de Baldad representa a religião oficial que não se interessa pelo sofrimento dos pobres de maneira institucional. Jó deseja encontrar-se com Deus, ao passo que Baldad afirma a soberania de Deus que não tolera ser questionado. Baldad, e os outros amigos, não toleram a vida de Jó que é um questionamento à religião oficial. Ao

final, depois de tanto disputar com Deus, Jó clama por uma resposta (Jó 31,35). Deus manifesta-se a Jó no meio da tempestade e introduz novos questionamentos a Jó

A teologia do livro de Jó resgata as raízes da experiência de fé dos israelitas. Deus é um Deus que age na história e que intervém em socorro do seu povo (Ex 3,7). Jó protesta contra a teologia da retribuição que afirmava que o *status quo* era desígnio de Deus e que, se porventura, um "justo" viesse a sofrer, ele deveria aguardar pacientemente até que lhe fossem perdoados os pecados e lhe fosse restituídos os bens. Jó é o justo que reclama, que defende sua causa e acusa a falsa religião baseada numa imagem de Deus diferente do Deus Verdadeiro. Ao final (Jó 42,5) é-nos apresentada a conclusão que dá o "tom" de toda a obra: conhecer a Deus. Depois de vencidos os argumentos da teologia da retribuição e depois de todos os seus protestos, Jó, mesmo sem obter nenhuma resposta da parte de Deus, faz a experiência de "conhecê-lo". Solano Rossi, ao comentar o presente versículo, afirma que

> O significado de "conhecer" Deus vem dos profetas. Eles condenavam de maneira contundente a falta de vínculo que existia entre celebração e vida, isto é, muitos líderes pensavam que Javé pudesse ser subornado e comprado com rituais grandiloquentes e, além disso, que Javé pudesse estar do lado deles, mesmo quando a violência e a opressão se faziam presente na ordem do dia (2017, p.35).

Os amigos de Jó, por sua vez, são repreendidos pelo próprio Deus no epílogo (Jó 42,7) afirmando que estes não haviam falado corretamente de dele. Curioso, por fim, é o papel de intercessor que Jó exerce no culto (Jó 42,8-9). Diferentemente dos amigos, defensores da teologia da retribuição, que em momento algum se ofereceram para ajudar Jó em suas necessidades. Pelo contrário, desmereciam suas dores e procuravam fórmulas simplistas para justificar tal situação de desgraça. Jó, entretanto, é constituído um intercessor frente os que estavam errados. Diferentemente dos amigos, Jó não lhes nega o auxílio e oferece um sacrifício de reconciliação.

3 Culto e religião no livro do Qohélet

Em Qohélet, assim como Jó, estão ausentes os temas tradicionais da religião de Israel. Três colunas estruturam a obra: trabalho (*'ml*); vaidade (*hebel*); alegria (*simhah*). *Hebel* é o termo chave por excelência. O autor faz uso dele 38 vezes. O foco do autor é, sobretudo, insistir na fugacidade das coisas, tudo é *hebel* (vento, brisa, vanidade, vaidade). Por isso, se tudo é vaidade, o homem deve contentar-se com a vida hodierna (trabalho) e alegrar-se com aquilo que seu trabalho produz (*simhah*). No que diz respeito propriamente à religião, Qohélet reserva os capítulos 4,17-5,6.

A breve perícope pode ser organizada em três temas: culto, oração e promessas. Com relação ao culto, Qohélet critica o culto dos insensatos (4,17). Segundo o autor, é melhor estar na "obediência" do que oferecer sacrifícios. Qohélet trilha o caminho dos profetas ao entender que

> Deus não tem necessidade de sacrifícios e menos se vêm de povo injusto (cf. Sl 50). O que ele quer, segundo o testemunho unânime dos profetas, é vida segundo a justiça [...]. A vida segundo a justiça identifica-se com seguir a vontade do Senhor, manifestada nas palavras

> autorizadas de seus enviados, em "escutar a palavra", que ressoa por todas as partes e de mil maneiras (LÍNDEZ, 2021. p. 266).

Em 5,1, no que diz respeito à oração, o autor insiste na simplicidade e humildade na forma de se dirigir a Deus, visto que Deus conhece todas as coisas e não é necessário apresentar tudo a ele, como se ele fosse um ignorante. Em 5,3-6 ele introduz a terceira consideração sobre a religião no que diz respeito aos votos. Qohélet apresenta-se um tanto escrupuloso no que diz respeito ao cumprimento de votos: se se prometeu algo a Deus, deve-se cumprir. Tento em vista a falibilidade do homem, chega à conclusão de que é melhor não se comprometer com votos a Deus (5,4). O autor termina a sua seção sobre a religião e o culto instando o ouvinte ao temor de Deus (5,6b).

> Qohélet não convida ao culto, mas mostra-se antes positivamente crítico e severo para com os que espontaneamente o praticam. Transparece em suas palavras respeito muito grande para com a majestade divina, respeito que se expressa em sua fórmula final: *Tu, ao invés, teme a Deus* (LÍNDEZ, 2021, p.272).

No que diz respeito à teologia da retribuição é muito importante ter em mente a crítica que Qohélet faz. Os trechos seguintes evidenciam-na: 2,15-16; 3,16-21; 4,1-3; 8,10-14; 9,2-6. Qohélet se recusa a aceitar a matemática da teologia da retribuição pois a realidade mostra o furo que existe nessa teologia. Entende que o destino de todos, justos e ímpios, está nas mãos de Deus (9,1) e que, por isso mesmo, o destino do homem não depende se sua piedade ou impiedade. Não é o cumprimento dos mandamentos, nem o culto prestado, que garantem ao homem uma vida de benesses. A religião em Qohélet deve sempre estar baseada no temor (3,14; 5,6; 7,18; 8,12-13; 12,13). O temor é uma atitude reverencial da parte do ser humano para com Deus que consiste em não enquadrar Deus em seus esquemas mentais. Assim, o convite ao temor supera a vaidade das obras da religião. O temor torna-se um programa de vida que não se sujeita à vaidade, não é trabalho humano e não é o cumprimento dos mandamentos. "Temer a Deus significa aceitar os limites do próprio conhecimento, dispondo-se a como dom de Deus as simples alegrias da vida" (LORENZIN, 2020, p.110).

4 Considerações finais

A pergunta que configurou o presente trabalho, a respeito da possibilidade de um culto desinteressado, encontra em Jó e Qohélet uma resposta afirmativa. Como dado antropológico, o ser humano sempre se relacionou com o transcendente de maneira comercial. Sacrifícios, preces e ritos são formas de ganhar a simpatia do divino em favor da proteção das forças da natureza, pestilências e sofrimentos. É uma constante nas religiões primitivas o uso de sacrifícios para aplacar a ida da divindade. O próprio Israel conheceu tais expressões no seu devir histórico. Entretanto, o ponto de partida da religião de Israel não é o sacrifício, mas a complacência de Deus que ouve o grito de seu povo e desce para libertá-lo (Ex 3,7). A gratuidade e bondade de Deus fundamentam a religião israelita e a pregação profética é firme e convicta de que o culto que agrada a Deus é o que se baseia no direito e na justiça (Am 5,24). Jó e Qohélet deflagram a inutilidade da teologia da retribuição e a perversão da mesma no que tange o

verdadeiro culto a Deus. O culto prestado a Deus como um serviço que visa retribuição configura-se como culto idolátrico.

O culto verdadeiro que é expressão da verdadeira religião não está atrelado ao comércio com o divino. Jó e Qohélet são expressões de que o louvor verdadeiro deve ser fruto do reconhecimento da soberania de Deus que está para além dos revezes do tempo presente. A verdadeira religião está sempre atrelada à vida. Jó expressa-o sobremaneira no capítulo 42 em sua intercessão por aqueles que o detratavam. A verdadeira religião é promotora de vida. Não se vale das intempéries do tempo presente para justificar posições que são contrárias à vida. Qohélet, por sua vez, ao resgatar o tema do temor, redescobre a atitude reverencial com que o ser humano deve viver sua vida. O temor é expressão da fatal finitude da vida humana que não se basta a si mesma e, por isso, liberta Deus dos esquemas humanos e da visão limitada da criatura no horizonte da história.

Por fim, resta dizer que Jó e Qohélet, expressões da crise da sapiência bíblica, redescobrem no horizonte da experiência humana a raiz da verdadeira religião, expressada no verdadeiro culto, que nada tem a ver com a retribuição por força da ritualidade, mas que se fundamenta na absoluta gratuidade de Deus que convida o ser humano à comunhão. Assim, a verdadeira religião deve estar pautada na absoluta gratuidade que nada espera em troca.

Referências

A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1993.

GOMES, Tiago de Fraga. O Livro de Jó e o desafio da verdadeira religião. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, São Paulo, v. 10, n. 18, jul./dez. 2016.

LÍNDEZ, José Vilchez. *Eclesiastes ou Qohélet*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2021.

LORENZIN, Tiziano. *Livros sapienciais e poéticos*. Petrópolis: Vozes, 2020,

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *A origem do sofrimento do pobre.* São Paulo: Paulus, 2017

STORNIOLO, Ivo. *Como ler o livro de Jó*: o desafio da verdadeira religião. São Paulo: Paulus, 1992.